

Valentín Cózar Granja

Solitária

Tradução: Vanda Ferreira

Versão 4 outubro 2019

“Two roads diverged in a wood, and I—
I took the one less traveled by,
And that has made all the difference.”

Robert Frost, *The road not taken*

“Hoy es siempre todavía.”

Antonio Machado, *Proverbios y cantares*

PERSONAGENS

GERALDO TRILHOS (DV1476)

ADRIÁN (FN3558)

GUARDA 1º, 2º, 3º, 4º 5º e 6º

Cela de isolamento. Luz fluorescente intensíssima do teto, permanentemente acesa, que delimita/desenha um retângulo de 9 x 6 pés no chão. Poderíamos estar nos Estados Unidos. Poderíamos estar em qualquer parte do mundo. A porta é metálica, com um visor de vigilância e uma portinhola para passar a comida, acionada pelo lado de fora. No lado oposto à porta há uma abertura vertical que serve de entrada de luz natural –única referência visual da passagem do tempo. De um lado está um colchão, que ocupa quase todo o espaço. Ao fundo, uma pequena secretária. Deste lado da porta, um lavatório e uma sanita, ligados a uma estrutura de metal que vai do chão ao teto: o tubo do sistema de ventilação.

INTRODUÇÃO

(Cela de isolamento. Como não entra luz pela abertura do fundo, deve ser de noite. GERALDO, que esteve a caminhar pela cela, dirige-se ao público.)

GERALDO.–Vejamos, um... (um pé), dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... e nove. E deste lado... um, dois, três quatro, cinco e seis. Nove por seis. Isto é uma solitária.

Aqui está a porta. Isto é a janela. Aqui está a cama. E isto é o lavatório e a sanita. E se tiver sorte, é aqui que me posso sentar a ler ou a escrever.

Já viajaram de comboio, numa carruagem pequena? Ou no camarote de um barco, ou numa autocaravana pequena, ou num elevador: tudo minúsculo, tudo a mesma coisa, porque não importa, porque é no exterior que a vida se faz.

Isto é igual, mas não há exterior. Aqui dentro, a vida (se é que isto é vida) também acontece.

Aqui dentro estou eu. E aqui dentro não há nada, mais nada. Isto é uma solitária.

(GERALDO dirige-se ao tubo da ventilação e bate-lhe com os nós dos dedos.)

GERALDO.–Adrián, estás aí?

(Geraldo deita-se no chão em posição fetal.)

UM

(Cela de isolamento. A luz que entra pela abertura do fundo sugere que começa a amanhecer. Soa uma sirene.)

GERALDO.—Ai! Ai, ai, ai, ai, ai! Porra, esta dor continua! Nem de pé consigo estar... Vamos ver se consigo levantar-me. Por mim, ficaria aqui. Vão-se foder!

Que teria a porcaria da comida de ontem!

Sei que falta pouco para chegarem. E não é por mim... Juro que não é por mim! *(Falando consigo mesmo)*. Calma, Geraldo, respira, respira. Respira. Não lhes podes dar esse gosto. Vão passar para fazer a contagem.

Sabes, Adrián? Levanto-me. Vou-me levantar, seja como for. Sei que me vou levantar. Consegui-lo-ei fazer, não lhes vou dar o prazer de me porem falta na contagem. E não o faço por eles, faço-o por mim. A isso me obrigo, porque senão entro no jogo deles. E isso é o que eles querem: querem que me dê por vencido, que diga basta.

(Ouve-se como se aproximam os passos do guarda no chão de grades.)

GERALDO.—Se eles têm um programa, Adrián, o programa de esmagamento, se o que querem é quebrar-nos, nós não nos rendemos, temos o programa de sobrevivência.

E uma das regras é a de não lhes dar a mínima oportunidade que seja de... não lhes dou espaço de manobra para nada, nada. Se quiserem quebrar-me terão que ser eles a fazê-lo.

(Não conseguimos ver o guarda em nenhuma altura. Apenas se ouvirá a sua voz.)

GUARDA 1º.— FN3558

(Silêncio.)

GUARDA 1º.— FN3558

(Silêncio.)

GUARDA 1º.— FN3558!

(Silêncio. Os passos aproximam-se da cela e param em frente da porta.)

GUARDA 1º.— DV1476

GERALDO.— Presente.

(Escutamos como se distanciam os passos do guarda.)

GERALDO.—Sim, consegui. Porra... que dor! Mas não faltei à contagem, esses pontos não me tiram eles. Agora, toca a esperar pelo pequeno-almoço.

(GERALDO bate no tubo da ventilação.)

GERALDO.— Adrián, Adrián, FN3558, ouve. Sei que nada disto faz sentido, para mim também não. Ouve-me Adrián, sou o Geraldo.

Sei que és novo... Quando chegaste? Há uma semana? Finalmente, deixaste de gritar.

Está na hora de te acalmares... e de me ouvires. Senão, a raiva e os nervos vão dar cabo de ti.

Se decidires não fazer nada, se não te acalmares, se te centrares na tua dor, comesças a perder e fazes-lhes a vontade. E por cada dia que faltares à contagem aumentam-te a pena... como lhes der na real gana.

Sabes há quanto tempo estou aqui? Doze anos. Estou na prisão há vinte e três anos e doze desses anos passei-os aqui, na solitária.

Tu até tiveste sorte sorte, sabes? Sorte, porque já cá não está um sargento que tínhamos: era um sádico... recebia cada um dos novos que chegava, o filho da puta, com um bom programa.

Desde que aqui estou que não sei o que são luzes apagadas. Doze anos, habitua-te, para ver se tens mais sorte.

E, às vezes, dispara o alarme de incêndios... e pode durar dias até que o desliguem. No dia em que o fazem, nem acreditas no que é o silêncio. No dia em que o desligam, o silêncio dói-te, ahahah!

Não importa quanto tempo seja, quanto tempo tenhas que estar aqui dentro: tens que ser forte, por fora e por dentro. Tens que munir-te de algo que te ajude a controlar-te, que te ajude a motivares-te. Eles vão tentar que quebras. Oh, se vão! E o melhor é uma rotina... para te salvar.

Sabes o que me faziam, a mim? Os primeiros cinco anos sujeitaram-me a um programa de esmagamento. E era muito pior. Esta porta dupla de metal, sabes o que faziam? Os guardas vinham, dia e noite, a cada meia hora. A cada meia hora. *(Imitando as vozes do diálogo.)*

- *Para verificar* - Que caralho havia para verificar? Verificar o quê?

- *Verificar que eu não a tinha manipulado.*

Agarravam na porta. E o que faziam era bum, bum. Com uma raiva... Era uma bomba!

Quando estava sossegado. Brum! Ou quando conseguia dormir dez minutos. Brum. Não sei se tens ideia do que seja. Despertavam-me a cada meia hora. E isso durante anos, durante anos... Diziam que era *(Imitando o tom) pelo risco que havia de eu me escapar*. Escapar-me? Como? Não me fodas!

Batiam com a porta bum, bum. E se não te punhas em pé e a olhar para o visor da porta... se estavas deitado no chão, com a cabeça debaixo da cama para tentares obscurecer a vista, entravam e toca a dar-te pontapés... na cara. Eu protegia-me como podia, com os braços.

Queria dormir, o que precisava era dormir, invadia-me uma raiva... os psiquiatras dizem que depois de duas semanas dormindo assim, de estar assim, sem que te deixem dormir, enlouquecemos.

Apresentava uma queixa formal. *(Imitando as vozes do diálogo.)*

- *Não. Temos que o fazer... porque é um perigo para a segurança. E temos que verificar que está bem fechada.*

- Mas...

- *Não é tortura. É segurança.*

E tu : Mas se há circuitos eletrónicos...

- *Ah! Pois... é para o caso de falharem.*

Reduzem-te ao corpo. Davam-me umas crises de nervos... Aí estava a raiva: as ganas, a necessidade de te atirares contra as paredes, de dares cabeçadas e acabar com tudo. O desejo de matar quem quer que seja, o sangue a arder nas veias e o estômago num nó. E eu apercebendo-me da combustão interna em que me transformava.

Como sabemos se estamos bem ou se estamos a ficar loucos? Os nervos descontro- lavam-se, sabes? Vês o teu corpo, todo ele a tremer, a pele cheia de pontinhos brancos ou com uma dor horrível. E acabava deitado no chão e sem me poder mexer. Tudo são nervos. Não consegues deixar de tremer. Mas sabes que não lhes queres dar essa vitória. Não se podem aperceber disso. Não lhes queres dar esse prazer. Não te renderes.

Sabes muito bem o que é estar a arder por dentro, não é? E tens que encontrar em ti um aliado. Tens que te acalmar, controlares-te, examinares-te, porque se te desnor-teias... vão acabar por te ganhar o jogo.

Sabes que mais? Estes filhos da puta não vão conseguir fazer com que apodreça.

E continuas, em dado momento continuas, não sabes como, segues como podes. E podem passar semanas, que mais tarde serão meses...

Às vezes, sim. Encontrava forma de lidar com isso, de devolver a cacetada. De lutar. De lha devolver. Não te sai da cabeça. É que é constante. És como um cão enjaulado.

Às vezes vê-se na televisão. Os guardas chegam: *(Imitando as vozes.)*
- *Aproxima-te da porta.* - E o preso não vai. - *É melhor que venhas aqui, cabrão!*
E o preso não vai. Então, eles entram e começam a bater-lhe. E a dar-lhe pontapés. O que não mostram na televisão são esses meses anteriores, em que o provocaram e lhe destroçaram a cabeça, os nervos, as costas, a cara...

E já miserável, chegas a um ponto em que dizes “a única coisa que posso fazer, a única forma de reagir é fazendo com que esses filhos da puta venham aqui bater-me”. É a única forma de seres tu a teres o controle, de o recuperar. “*Então, vou obrigá-los a virem aqui, dar-me porrada.*” E assim faço-os ver isto mesmo. Que sou eu quem os controla, a eles.” E na televisão dizem: *(Imitando a voz) Veem por que razão estão estes tipos na solitária? Isto é racional? Por isso... blá, blá, blá.* No entanto, não mostram esses meses atrás, a provocarem o tipo, a destruírem-no...

É a selva, é o embrutecimento: alguns guardas humilham-te para provar que quem manda são eles. Pensam que assim são alguém, mais fortes. O que importa não é o que fazem. É o como o fazem: o retintim, a brincadeira obscena do gato e do rato, de tentar deixar bem claro quem domina quem.

Desprezam-te por queres usar a cabeça, a razão, por não queres ser violento, ou por não queres reduzir a tua vida à ditadura dos impulsos primários: pancadaria, sexo e bebedeira.

Vê como nos ofuscamos, como por culpa deste sistema patriarcal perdemos de vista o que é importante: a vida.

Imagina a que ponto chegamos, a que nível de loucura. Na outra prisão, antes de vir para a solitária, um dia, fui testemunha de uma coisa. De uma partida do destino. Não sei que nome lhe hei de dar. Era hora do almoço; um momento coletivo, relaxado... A comida nos tabuleiros, punham-na em..., como se chama... numa estante com rodas, como um carrinho alto de metal, ali no meio da sala.

Havia duas filas, de ambos os lados do carrinho da comida... o pessoal a falar, sem fazer demasiado barulho, claro; estavam lá os guardas para controlarem isso.

Chegaram dois gajos, dos mais duros da prisão, não sei como, ao mesmo tempo, sem se aperceberem, claro, cada um por seu lado. E os dois agarraram no mesmo tabuleiro. Foi azar. Não sei explicá-lo, mas os dois deram por eles a puxarem, cada um, pelo seu lado do tabuleiro.

Ainda consigo ver essa cena. Tenho-a gravada na minha retina, em câmara lenta. E o pessoal a conter a respiração.

O que seria mais normal? Que um deles largasse o tabuleiro. Se havia tantos... Havia-os de sobra. Bem, não digo de sobra, mas bastantes.

O problema é que o que o largasse seria o fraco. Se soltasse o tabuleiro deixaria de ser dos respeitados da prisão. O macho alfa.

Olharam-se os dois; primeiro, desconcertados. *(Imitando a voz.) - Por que caralho baixei eu a guarda uma décima de segundo, foda-se, o maldito momento de agarrar o tabuleiro?* - Depois, intensamente. Com ódio. Desafiando-se.

Não sei o que disseram um ao outro. Havia um silêncio absoluto. Podia-se ouvir o pingar de uma torneira em qualquer lugar. Um indicou ao outro algo pelo canto do olho e com um movimento da mandíbula, a direção da porta.

Deixaram cair o tabuleiro metálico. Não o puxaram, deixaram-no cair. E aquilo fez um estampido que ecoou pela sala.

E foram os dois até ao pátio. Ninguém fez barulho.

Na sala ainda ressoavam os ecos daquele tabuleiro metálico, ao embater contra o chão.

Sabíamos que só regressaria um deles. Imagina: um duelo de navalhadas. Um deles é mais rápido do que outro, ou um tropeça e cai como o tabuleiro e acabou. Já está. O outro regressou passados cinco minutos, ainda a secar as mãos que teria lavado pelo caminho. Nem quisemos ver se trazia manchas de sangue.

Pensas que os guardas viram alguma coisa? Fizeram-se invisíveis assim que lhes cheirou a perigo.

E nós? Achas que respeitamos mais o que ganhou? Claro que não. Como se respeita um brutamontes? Haverá um nome para isso? Respeitávamo-lo como se respeita a alguém que te mete pena, que te parece um miserável. Uma vítima de si mesmo.

Mas a pena que tínhamos era a mesma que te dá alguém que está mais preso que tu e que eu: preso das suas convenções, preso de um esquema mental, no qual só importa a brutalidade, preso da estupidez da lei do mais forte. É gente que acredita que tudo se pode destruir com uma porrada. São gajos que acreditam que o mínimo erro tem consequências fatais.

Foda-se, aonde nos leva tudo isto. E isto acontece em todo o lado. É o poder da intimidação. O império da prepotência, do desprezo.

Damos-lhes importância, a esses brutos, para que nos protejam, certo... Mas essa proteção converte-nos em vítimas. Para quê tanta segurança, tanta tranquilidade?

Assim nos têm, aqui e lá fora: atormentados, formatados, neuróticos, assustados, isolados, sabendo quem são os canalhas e achando-lhes graça.

Foda-se, temos tanto para aprender. Tu vê lá como seria um mundo com os valores ao contrário. Mudar a competição pela cooperação. *(Imitando as vozes.) Ah, claro: toma o tabuleiro. Eu tiro outro. Rimo-nos e sentamo-nos os dois a comer.*

E pensas que não se dão conta disso? Claro que sim! O pior é que nos dominam porque lhes damos permissão para isso. Damos-lhes o poder para decidir. Para pensarem por nós.

Se não tivermos medo de nada... somos livres. E tu, tens medo de quê? Da morte? Da vida? Desta experiência que temos que viver? Não ajuda ficarmos encolhidos.

Supõe que todos crescíamos, que todos nos libertávamos dos nossos medos. Que sociedade livre!

DOIS

(Cela de isolamento. Pela luz que entra pela abertura do fundo deve ser meio dia.)

GERALDO.– Desculpa? Que dizes? Que a única forma de controlo que tens é acabar com a tua vida? Mas... aonde foste buscar essa ideia?

Adrián, o tempo passa...

Adrián, tu tens o poder...

Digo-te que o que querem é que te rendas. Estás a ouvir-me? Adrián? Mas tu não vás atrás deles. Porra. Tu e eu vamos fazer umas farras, aí fora. Somos gente fina. Lembras-te?

Deixa-me ver, como te explico... Melhor, como to demonstro: olha para mim. Tenho uma pena mais comprida do que a tua. E já estou aqui há 23 anos, quase mais tempo vivido dentro do que fora.

Está certo que saí, escapei-me, estive um ano fora, voltaram a apanhar-me, voltei a fugir com outros e voltaram a prender-me.

Sim, puseram a minha história na internet. E até se está a representar uma obra de teatro sobre a nossa experiência aqui. Sou famoso, e por isso têm que ter cuidado comigo. No entanto, não penses que fui sempre respeitado; tive que dar o litro. Lutei pela minha dignidade.

Sabes o que descobri? Que tenho poder. Que tenho a minha parcela de poder. E sempre o tive. Podem tirar-me tudo. Poderão brincar a humilhar-me. Mas eu ainda posso decidir como é que essas coisas me afetam.

Temos o poder. Inclusivamente nas piores situações. Aqueles anos que aguentei o programa de esmagamento, prisioneiro das minhas crises nervosas, a ponto de afundar mentalmente, de ficar louco... Esses anos em que não me deixavam dormir, quando me despertavam a cada meia hora. Ou aqueles dias intermináveis, com o alarme de incêndios a soar sem parar, às vezes três dias inteiros.

Não sei como aguentei. Creio que, a dado momento, algo se fechou bem fundo de mim e disse: *não me chateiem*. Ou melhor, acho que disse: *façam o que quiserem. A mim não me vão chatear*. Não sei se o que te digo faz algum sentido. Mas é assim quando chegas a esse momento de resistir por não ofereceres mais resistência. Esse momento em que dizes: *seja*. E o mundo continua igual, mas a ti não te afeta mais. Eles querem humilhar-te, mas tu deves ser inumilhável, façam-te o que te fizerem.

Há outra coisa que não sei se a sabia ou se a aprendi aqui. E é para que serve o poder. Se tens que o exercer, como eles comigo, é prova de que não o tens. É como lutar para o recuperar. O verdadeiro poder não é isso. Ter o poder serve para não o exercer. Se eles não tivessem necessidade de me humilhar, nem vontade de destruir-me física e psicologicamente, se simplesmente cumprissem com o seu dever, respeitando-me, pensando que sou um homem como eles... dar-se-iam conta da mentira em que vivemos. De que a única diferença entre nós é de que lado, desta dupla porta de metal, está cada um. E que o resto é mentira.

Isto é o que somos, Adrián, homens numa caixa. E esta caixa é como a queiras ver. Pode ser um caixão, pode ser um frigorífico, onde passamos uns anos em conserva. Pode ser uma carruagem do metro. Ou um comboio de gado numa longa viagem. Subimos há anos numa estação distante, e quando chegarmos apenas desejaremos esticar as pernas.

Que importa o tempo que passa? O tempo passa. Asseguro-to: passa. E em dez, quinze ou vinte anos estaremos lá fora, celebrando-o. Desceremos do comboio. E então nem vamos acreditar: estar cá fora, sem barulho do comboio, sem estes focos permanentes.

Não te podes render agora. Lembra-te de tudo aquilo por que já passaste. Que disparate vem a ser esse de queres abandonar isso? Queres fazer-lhes a vontade? Queres dar-lhes esse gozo, não? É isso? Tu queres que esses cabrões acrescentem mais um nome à lista e que esse nome seja o teu? e Queres que digam: outro gajo que arreventámos? É isso que queres?

(Ouve-se alguém –¿ADRIÁN?– a dar pancadas na porta ao lado. Com raiva, com fúria. Com dor. Com cansaço.)

GERALDO.–Está bem. Tiraram-te pontos. Não enlouqueças. Não batas mais na porta. Eu também o fiz. Bum, bum, bum, bum. Cheguei a fazê-lo muitas vezes desesperado, sabes? Para que me prestassem atenção, para obrigá-los a darem-me atenção.

E custou-me alguns dentes. Eu estava... Entravam nesta cela, na minha caixa de sapatos.

Não lhes liguês. Não deixes que isso te afete. Estás cheio de raiva, e esse é o jogo deles. Estão felizes porque estás raivoso. Missão cumprida, meu! Bravo! Muito bonito.

A raiva não serve para nada. Só serve para seres o coitadinho, e para consumir toda a tua energia. É uma combustão. Ardes, por dentro. E a única pessoa a quem fazes mal é a ti próprio. Eles estão muito felizes.

A única coisa admirável é que não têm levado a melhor comigo. Que eu ainda não lhes dê o gosto de dizerem que me derrotaram. O resto... o resto não interessa a ninguém.

Se nem eu sei o que ainda faço aqui. Se nem eu sei se existo ou se isto é uma partida do universo que me mantém preso num universo paralelo. Ou se isto é uma brincadeira de mau gosto com uma câmara oculta que tem uma fita infindável, que nunca para de gravar.

Mas eu, sim, penso ficar até que se derrubem estes muros, até que termine a fita, até que isto vá pelos ares. Ou até ao dia em que soe a sirene e digam: *(Imitando a voz.) DV1476, Senhor Geraldo Trilhos, recolha as suas coisas, que tem que sair agora.*

E estará a chover. Terei que me molhar na rua... Terei que me molhar e, em vez de me proteger, vou tirar a camisa para deixar que a chuva me encharque. Porque aí, sim, começará outra história. Mas desta vez, sim, vão aperceber-se disso.

TRÊS

(Cela de isolamento. Pela luz que entra pela abertura do fundo deve ser de tarde.)

GERALDO.— Sabes? Que mal faz? Uma vez tive um rato aqui comigo. Nem sei como veio. Apareceu um dia. Eu estava feliz, vê só, um companheiro de cela. Guardava-lhe um bocadinho de comida, ele sabia. Se fazia um gesto, ele escondia-se de baixo da cama. Depois de uns dias, punha-se a olhar para mim sem medo nenhum, e até lhe pude fazer festas. Chamei-lhe Dalton. E um dia passaram revista à cela, uma revista surpresa, e mataram-no. Eu estava no canil. *(Imitando as vozes.)*

- *Estão proibidos os animais.*

- Os animais! Os animais!

Se chegam e veem a aranha, um animal nobre, construtivo, com paciência, um animal que tece uma teia... dão-lhe uma sapatada e esborracham-no. Matam-no e em seguida dizem-te: *(Imitando a voz.) É por motivos de higiene.*

Tu e eu sabemos que é apenas por tortura psicológica, para nos desumanizarem. O curioso é que eles são menos humanos ao matarem um animalzito que faz companhia, do que nós, com a dor dessa perda. Há 25 anos, quando estava lá fora, nunca teria imaginado a companhia que faz um rato, uma osga, uma mosca, umas formigas. São todos seres vivos e são livres. Tão livres como nós, quando não temos medo. E até parecem felizes! Felizes, por não serem como tu.

Isto é uma batalha, Adrián: tu decides se queres deixá-los ganhar. Não o faças por eles, fá-lo por ti.

Foda-se, Adrián: como é que não há luz, não há esperança? Olha para ti, meu: tu tens essa força dentro de ti. Tens que procurá-la. Claro que há luz: está dentro de ti.

Pouco me importa que sejam trinta anos, sabes? És um guerreiro numa batalha. Isto é uma guerra de desgaste, entre nós e eles, estás a topar? Nós temos que aguentar os momentos mais duros, mais negros. Não te podes dar por vencido. Primeiro, tens que tentar. Tens que continuar a resistir até que acabe a batalha.

É-me indiferente mais um mês aqui dentro. Já superei o tempo. Mas não dou a esse guarda a satisfação de não me levantar e poder pôr-me falta na contagem. Faço-o por mim, para não lhe dar esse prazer.

(GERALDO presta atenção, como se escutasse ADRIÁN.)

GERALDO.– Como é que não temos nenhum poder? Olha para ti, Adrián: Claro que temos o poder. Resistir é poder. A tua própria resistência, a tua vontade é um ato de poder.

Estou de acordo, Adrián, isto é intolerável. São abusos de poder intoleráveis. Pensas que é só aqui? Mas a tua integridade como pessoa é mais importante que tudo isto. Se não fazemos nada, se deixamos estar, aí é que falhamos.

Querem-nos nervosos, sabes? Ficam encantados por nos verem intimidados, por nos meterem medo.

Adrián, tenta seguir uma rotina. Olha: obriga-te a levantes-te para a contagem. Obriga-te a fazer exercício, e a limpar a tua cela.

Obriga-te a exigir os teus direitos. São teus: a sair para o canil 5 dias por semana. Não me interessa que seja só uma hora. Pouco importa que eles tentem humilhar-me e que o processo de revista dure tanto que no final só tenhas 5 minutos lá fora. Os guardas não são todos iguais. Há alguns que são pessoas, que nos tratam como pessoas.

Tens direito a tomar duche 3 vezes por semana. Estou-me a lixar se tentam humilhar-te outra vez com as revistas. Se te intimidas tu, crescem eles.

Outra rotina é recordar muito bem como te comportaste ontem. Com todos os detalhes: é bom para saber se ainda estás a bater bem. Ontem ou à noite.

Eu digo para comigo, vamos ver, Geraldo, como foi ontem. Estiveste bem, fizeste... limpaste a cela. O exercício, bem, a cabeça, bem: não fizeste planos. É importante não fazer planos, porque doem. Riste-te? Ahahaah, hahaha... ahahah. Que foi? Hahaha! Riste-te um bom bocado. As articulações, bem. Cagaste: cuidado que cagaste duro e com dor. A boca, bem...

Houve um momento em que estiveste paranóico. Passaram pelo corredor e sentaste-te na cama. Por que te sentaste a olhar para o chão? Isto é uma batalha, Geraldo, pois que te vejam de pé! Se comesças por aí, por ceder um bocadinho... dar-te-á o medo, depois... o medo dos outros, que é muito contagioso. Medo de te veres ao espelho... ou medo dos gritos dos loucos.

Não fazer planos. Adorava imaginar que fazia viagens... a lugares, imaginar festas que íamos organizar. Passava a vida a imaginar para lhe fazer uma surpresa, a Ar. Como gostava de fazer planos ... e alterá-los e melhorá-los.

Ao princípio acontecia-me sem querer: ia ver-me ao espelho, mas não há espelho. Porque isto não é espelho: só aço polido. Vês um pouco a tua silhueta... mas desfocada. Ia ver-me ao espelho e ficava angustiado: estarei a desmaterializar-me. Sou meio fantasma, desvaneço-me. Que se passa comigo, com a minha identidade? Não me reconheço. Não posso sair daqui.

Não posso fazer planos. Não posso apagar a luz. Não posso dormir. Não posso abraçar ninguém e ainda menos deitar-me com alguém, besuntar-me na felicidade do sexo... e esquecer-me do tempo. Não posso foder. Não posso falar, assim, normalmente, com uma pessoa frente a frente, como falam as pessoas. Não posso beber uma cerveja com um amigo.

Aqui me têm: reduzido ao meu corpo. Não posso dizer nada porque está tudo pensado para que não tenha que o fazer, para que não possa tomar uma única decisão. Não posso nem decidir quando tomo duche. Não chegou o momento de atuar. Não escolho. Não faço... e não devo continuar com esta lista.

Que coisas posso fazer? Posso dar voltas ao miolo... Posso sonhar (não sonhes demasiado que dói mais). Posso estudar, quando me deixam. Posso treinar: o meu corpo é um ginásio e ainda bem que lhe dou forte e feio. Posso aprender a espantar os piores pensamentos.

(GERALDO dirige-se à abertura que serve de janela.)

GERALDO.— Posso olhar aqui para fora, que não há nada, mas serve-me para saber se é dia ou noite. Posso procurar a vida dentro de mim, mas sem recordações, sem nostalgias, sem dor, sem raiva. Contas feitas, posso procurar o nada dentro de mim.

Ontem... quando foi ontem? Quando foi há uma semana? Tranquilo... Aumentam-me a pena, mas já não interessa... porque o tempo é uma pastilha elástica. E porque aí fora não há ninguém: não vês que estão todos ocupados? Não vês que não têm tempo... nem de pararem e olhar para o sol? Nem de caminharem frente ao mar, nem de darem um passeio pelo campo, pela floresta, e respirar... olhar para o sol e encher os pulmões de ar! Nem de rirem um pouco com os amigos, nem de chorarem de verdade, todos ranhosos como uma criança.

Lá fora há outras normas: o que vestir, de que falar, o que é e não é importante.

Ontem ... quando foi? Foi ontem ou foi há mais tempo ou inventei-o?

Adrián! Não te falei ontem de uma viagem que queria fazer? Íamos para outro país para começar uma vida boa. Uma vida de verdade, sem disparates sociais. Isso mesmo: pusemo-nos a caminho e apanharam-nos. *(Imitando a voz.) Vejamos, senhor: os documentos...*

É tão fácil conhecer uma pessoa, que encaixa contigo de imediato, e tão bem, que quando estão juntos... respiram o mesmo ar. E é como se não existissem distâncias, nem um eu, nem um tu.

Não devo recordá-lo muito, porque dói. Mas eu tive essa sorte. Uma pessoa tão alegre que... que me contagiava o riso com o ar que respirávamos. E a seu lado o mundo era amável, e quente, como a pele do seu corpo.

Era alguém livre, em expansão. Eu dizia-lhe: És como o ar: lugar a que vamos, lugar que enches completamente. Era tão simples que não lhe dávamos importância.

Podíamos estar sem nos vermos dias ou semanas: eu continuava a respirar o seu ar. Sabes, uma pessoa que te enche tanto... Eu falava com o campo e fazia-me lembrar Ar, falava com o sol e via Ar, falava com as marés, com o vento e era Ar. Por isso, dizia-lhe: estás em todo o lado como o ar.

Só queria estar próximo, respirar o seu ar, e sendo do material do ar, era possível estar dentro e fora, podia respirar essa alegria, e duvidar se eu era eu, ou se era uma explosão, de tanta felicidade. A minha mão pelas suas costas, a minha boca pelo seu pescoço, respirando o seu aroma.

Não quero recordar a separação. Disse-me: *Geraldo, vou esperar por ti.*

- Ar, segue com a tua vida. Quando sair, procurarei por ti.

Naquele dia ficou ali fora uma parte de mim. Parecia impossível estar só, separado. Se antes bastava respirar, agora... agora é diferente. Não quero que me veja aqui, assim. Quero que me recorde feliz.

Falta-me, faz-me muita falta, falta-me o ar...

QUATRO

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra luz de tarde. GERALDO dirige-se a uma aranha.)

GERALDO.— Olha só quem saiu de baixo da cama: Epaminondas. Há quanto tempo estavas aí escondida? Pelo menos desde ontem. Continuaste a fazer a tua teia? Vem, vou-te pôr num lugar mais seguro, porque aqui quem quer que entre encontra-te. Assim... E penduramos-te aqui neste recanto que é mais discreto.

(GERALDO leva a aranha e solta-a na esquina contrária à janela.)

Vamos lá ver, Adrián, aproveita: podes sair cinco dias por semana ...ao canil. Claro que é mais uma jaula do que um pátio, um canil, com os muros até acima e esse teto de rede metálica. Mas vê-se o céu... Sim: só há uma hora, e entre a revista completa, levarem-te, a revista no regresso e trazerem-te, na melhor das hipóteses estás lá fora cinco minutos. Mas esses cinco minutos são teus. O céu é teu. O ar é teu. A luz é tua. E se não o fazes, se não saís, vais perdendo energia.

Até eu tive uma época em que deixei de sair. Sabes que às vezes, qualquer sargenti-nho palerma, em vez de cumprir com a sua função, e controlar, o que faz é aproveitar-se para nos destroçar a moral...e deitar-nos abaixo. *(Imitando a voz.) Oh, pisca-me o olho, baby!*

Houve uma época, na qual o meu orgulho não me deixava sair. Mas assim não somos livres. Assim fazemos o jogo dos filhos da puta. Tanto me faz: tenho direito a essa hora. Eu saio. Faço-os trabalhar, ahahah! E se este tarado tem um interesse especial em examinar-te o olho do cu... que desfrute do espetáculo... único, foda-se!

Quando estou bem, consigo desligar. Presta atenção, Adrián: posso estar aí no meio da cela, a ser observado, nu, as pernas abertas... O gajo a dar ordens: *(Imitando a voz.) O pau: pele para trás.* E mais ordens: *Levanta bem os tomates.* E depois: *Separa as bochechas... para ver bem.* O tipo a dizer-me coisas estúpidas: *Ui, que apertadinho, como deves gostar... hahah... que eu sei... vá, abre, assim, e agora pisca-me o olho, baby!*

Quando estou bem, consigo não sentir nada, só aborrecimento, deixar a mente em branco. Não me afeta, a mim não: o desgraçado do filho da puta é tão limitado que tem que se divertir assim.

E essas vezes que consigo que não me afete, essas vezes... o palerma sádico não desfruta tanto do espetáculo.

Não, hoje está aquele tarado de guarda, hoje não vou. Prefiro não ir ao canil. Preferiria passar uma semana aqui dentro do que pôr-me nas mãos desse tarado.

Sabes como te humilha. Outro qualquer vigia-te, como está estipulado. Tens que te despir? Despes-te. Tens que separar os glúteos para te observarem o ânus? Faze-lo. Já vês, não é? Que porra vais querer tirar da cela ou voltar a meter lá. Já entendes agora o que interessa a um guarda normal esse espetáculo.

Fazem-no porque não têm outro remédio. É o trabalho deles. E não se pode dizer que não o cumprem. Isto é a gente normal.

E depois há este atrasado mental. Com o cacete. *(Imitando a voz dele.) "Pisca-me o olho, baby! Sei bem que gostas"*.

Vais ver que se vão embora. Ninguém quer trabalhar aqui. E talvez cheguem outros normais. Eu já tive guardas que me entregavam livros às escondidas. Para que pudesse formar-me. Livros que os podiam ter metido em trabalhos.

Se tiveres paciência, quando voltar a mudar o turno de vigiância, quando for a vez do Ralf, o trinca-espinnhas, passo-te um par de livros. Ele é boa pessoa.

Sabes, o meu advogado fotocopia-me livros que me faz chegar. Livros de história. Ou de política. E o gajo dizia que teiem que mos dar porque são sobre o trabalho que eu tenho que preparar para a minha defesa.

Antes eu lia-os e depois contava o que lia, por estes tubos da ventilação. Cada um falava por aqui e resumia o livro como podia. Os detalhes não interessavam. Mas o conhecimento, sim. Às vezes, chegámos a partilhar pela ventilação até 3 leituras ao mesmo tempo. O que consegui aprender, graças aos meus companheiros. Até que mudaram os vigilantes.

Sabes o que é que os cabrões fizeram? Trocaram um preso por outro... que tinha ficado doente da cabeça, e puseram-no no meio de nós. Em cima, parede com parede com a tua cela. E a única coisa que fazia toda a noite era gritar e bater com as botas no tubo de ventilação que ecoava como um amplificador metálico. Malditos!

E depois de trocarem um, trocaram outro. Não imaginas o que é dois homens com a cabeça já perdida a começarem aos gritos. Um, e outro, e outro. E outro. E não há

quem os pare. Um concerto de metal e de gritos até que fiquem afónicos ... ou adormeçam.

Já sabes o que é não dormir um par de meses. Eu cheguei a estar 3 anos sem dormir, nem de dia , nem de noite.

Tiraram-te pontos, é certo, mas vais ver que os recuperas e te deixam escrever ao teu advogado.

Um dia vão saber de tudo, Adrián, vais ver. As pessoas vão surpreender-se com os vexames, com a tortura, com os abusos. Eu tenho que contar isto. Tenho a obrigação moral de resistir, ouves-me? De resistir para um dia sair ... e contá-lo. Porque estar aqui e querer falar é como tentar falar debaixo de água.

Adrián, lembras-te do Tarot? Das figuras do Tarot? Consegues visualizar as cartas? Viste-as alguma vez? Há uma que somos nós, que nos retrata. Quem pensas que somos?

(Silêncio.)

Ahahah! Não, Adrián, o morto não: nós somos o que está pendurado.

(Silêncio.)

Não, homem: não está enforcado. Está pendurado pelos pés, com a cabeça quase a tocar o chão, com as mãos atadas atrás das costas... É assim que nos têm, com as mãos e com os pés atados atrás das costas. Não nos deixam fazer nada. Somos os pendurados, os suspensos de cabeça para baixo, os que veem o mundo ao contrário ...

Estes anos, temos que os passar... como a fase que tem uma crisálida... ou estaremos dentro de um ovo? Sabes: se conseguirmos não perder a cabeça, se sobrevivermos... vamos sair da crisálida e vamos ser a borboleta. Sim, ahahah, ri-te, isso é bom.

Uma vez vi o túmulo de um guerreiro maia. Era um guerreiro importante e enterraram-no ao pé duma pirâmide. E no seu túmulo, por fora, estava a silhueta gigante de uma borboleta, porque se tinha transformado, porque pelo seu valor se tinha convertido noutra pessoa.

Por isso vamos sair como uma borboleta, ahahah, ou como um morcego, se preferires. Quando sairmos já não vamos a correr: voaremos. Mais livres do que os que estão lá fora... e não sabem valorizar a liberdade. Não sabem o que vale... um sorriso ao passar. Ou tomar um café. Ou olhar as nuvens, ou deixar-se molhar pela chuva.

Metem-me numa solitária... e acabou-se. *(Imitando a voz.) Que aí apodreças, cabrão!* E ficas sozinho. Quero dizer, já estamos sozinhos.

Estamos sempre sozinhos: tens par e estás só, pensas que sois um... e essa união dura um momento. E voltamos a estar sozinhos. Mas aqui, aqui, sim, é que ficas sozinho. Sozinho e pendurado.

Imagina só, chegas à solitária. E acabou-se o tempo. O tempo deixa de existir. Tanto faz, o objetivo é esmagar-te, eliminar-te... está tudo pensado para te enraivecer, para te sacanear... e que te destruas a ti mesmo. *(Imitando a voz.) Coitado! Ficou louco, não aguentou!*

E aí fora está o mar. Parece mentira, mas eu vi-o. Viajei durante semanas de barco. Levei semanas a cruzar o Atlântico. Já duvidas de tudo: Foi mesmo real aquela viagem? Ou sonhei com ela? Não terei nascido aqui dentro? Não estarei a imaginar essa vida lá fora? O riso de Ar, a pele do seu ventre, o seu tremor sob as minhas mãos... não será a minha imaginação? Já duvidas do que recordas... ou se estás a inventar.

O ruído das fluorescentes é um bálsamo, sabes? Não é nada comparado com uma sirene de urgência, com o apito, com o uivo, metido aqui dentro.

E no fim, por dentro, com todo esse barulho, até tu vibras também, por dentro. E os nervos... entram em espiral, tcham, tcham, tcham, ninoni, ninoni, e começa tudo de novo.

Se não consegues desligar-te... o coração acelera e acompanha aquele ritmo, e respiras ao compasso do alarme, ninoni, ninoni, que ansiedade. Se não desligas... acabas no chão, gritando, gritando, com as mãos a tapar os ouvidos, com as mãos a tapar os olhos, a tapares a boca, a massajares o peito, a tentares acalmar-te, mas não tens assim tantas mãos.

Enfias-te com a cabeça debaixo da cama, para obscureceres a vista, as mãos a taparem as orelhas, e isolas-te dez minutos, sonhos de dez minutos, calcula tu!. Não podes dormir mais do que isso aí debaixo... porque passam a cada meia hora. E se não te veem em pé, ou na cama, entram e tiram-te de lá aos pontapés. Durante anos... dormes períodos de dez minutos, ou de quinze minutos, e aprendes a baixar o ritmo, a respirar mais devagar, a bater mais devagar, a não te deixares envenenar pela puta da raiva. Aprendes a amansá-la.

E ainda por cima, não podes contar isto a ninguém. E és um preso perigoso e louco. Não podes tornar-te um cão raivoso ... Se um dia perdes a cabeça... e te deixas dominar pela raiva. Esse dia deixas-te dominar pela raiva, e perdes a cabeça... e então sim, então perdes-te, perdeste-te.

Eu conheci vários... que perderam a cabeça. Não podes dar poder à raiva... porque é mais rápida do que tu.

Nem sequer às tuas maldições, não podes permitir que a tua cabeça... imagine o que quiser e que até torture os desgraçados dos guardas. Nem aos de fora, porque isso não te acalma. Isso só te enerva. E o que tu queres é abrandar, e não há como o fazer.

Só nos resta explorar o vazio.

Haverá uma maneira de não estar, de alguém estar aqui, de isto... não me destruir e servir para alguma coisa? E é nesse momento que te pões a pensar como vais contar isto no dia em que te permitam escrevê-lo, no dia em que te deixem sair.

E começas a trabalhar nisso, de cor, para não o esqueceres, para o poderes contar quando saíres, mesmo que te confisquem os cadernos.

E imunizas-te: vacinas-te a ti mesmo porque no dia em que saíres... não encontrarás ninguém. Não penses que isto interessa a alguém. Todos terão os seus problemas, os seus grandes problemas, cada um na sua bolha: um não saberá onde estacionar, outra não saberá como pagar qualquer coisa e outro como foder com alguém.

Sabes qual é a saída? A saída é a rotina: levantares-te cedo, antes de soar a sirene, para estar pronto e alinhado quando passarem com o pequeno almoço. Tomá-lo rapidamente, para não os fazer esperar, para que não se finjam de impacientes. Ganhar-lhes. Vencer esses cabrões, ainda que seja pela cortesia de não os fazer esperar.

Guardar um bocadinho de pão, apesar de estar proibido, pois a fome irá apertar mais tarde.

Deitares-te e examinares-te: examinar os pés, a planta, os dedos, os tornozelos... toda a pele por fora. As articulações, as veias, os gânglios, o pescoço, a garganta.

Fazer exercícios de respiração, fazer abdominais, alongamentos, push-ups... Usas o teu corpo como se fosse o teu próprio ginásio, toda a manhã. Primeiro o auto-exame e a seguir o exercício.

E concentrares-te no que estás a fazer, para não te distraíres, para controlares o ritmo, e controlares a raiva.

Um dia descobres coisas, descobres em ti capacidades que não tinhas, que não recordavas. Às vezes são boas, e essa força surpreende-te.

Às vezes são más, e tens que aprender a contê-las... porque se as soltas, devoram-te.

Há coisas que aprendes, que não sabias que estavam dentro de ti.

Os índios cherokees falam de uma batalha que todos temos dentro de nós, entre um lobo bom e um lobo mau. Tu decides quem queres alimentar, deixar crescer... Tu decides que lobo te representa e toma as rédeas da tua vida.

Outra parte da rotina é recordar, recordar para não perderes a tua identidade, para seres algo mais que este tipo... que esqueceram aqui dentro. E esqueceram-te, pensas, se houver uma guerra nuclear estes não vão voltar com a comida, e eu vou secar aqui dentro, vou-me mumificar aqui dentro.

Mas esses são os pensamentos que querem que tenhas. São exatamente esses, para que assim... te exaltes.

E outra parte da rotina... é um diário, é um resumo diário, em cada noite, se por ventura aqui se pode falar em noite. Rever como foi o dia, se posso chamar de dia, isto que tenho.

Rever em que momentos me exaltei, em que mudei, como estão os guardas, como estão as minhas obsessões, o que viajei. Não é bom viajar. É bom porque te escapas, mas não é bom... porque te desespera não poderes sair.

E no dia seguinte será a mesma rotina. E quantos mais rituais tenhas para ocupares o dia, melhor. Não é bom passares muitas horas... a pensar. Pões-te a pensar, e a pensar, e a pensar... e o peito encolhe-se-te, e assim tornas-te alimento para pesadelos.

Não é bom recordar o passado com muita intensidade porque dói. Se dói... tudo o que não fiz para ir por este caminho. Porque doem os caminhos por onde não fui. Mas que caralho de caminho ia tomar... se este era o meu caminho.

Sabe bem lembrar-me de um dia de sol no campo, um dia de verão... quando éramos pequenos, a esconder-me com os meus primos, a brincar com eles.

É bom pensar que um dia isto tem um fim; saber que tem fim. Preparar-me para que no dia em que saia - esse dia que vai chegar - não demore nem um minuto a reunir as minhas coisas, e a despedir-me deste buraco.

Não é bom pensar em planos, no que farei depois. Estou preparado: quando já não estiver mais aqui, quando estiver fora daqui - que vou estar - sabê-lo-ei, de certeza que saberei o que fazer e, sem dúvida, que estarei preparado.

CINCO

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra a luz da tarde.)

GERALDO.— E um dia, pela manhã, a examinar-me, noto que algo se passa aqui no meu pescoço, na garganta: a pele esfolada, e se experimento fazer alguns sons ... algo mudou.

Não faz mal: vou estar atento. Certamente, não é nada. Com certeza, fui eu que, nalgum momento mais desesperado, levei a mão ao pescoço. Sim, deve ser isso: com certeza que me arranhei.

E um dia depois continua igual. E noutro dia também: parece mais acentuado. E num outro, notas que está aí e vês que cresceu, e de que maneira. E quando estás certo de que algo está a crescer, perguntas-te: de certeza que isto é novo? Não teria já isto?

Mas passas muito tempo a observares-te, a observares o ritmo da respiração, a observar a vontade de lhes cuspires, aos guardas, a vontade de gritares. Há muito tempo que o fazes, de forma tão meticulosa, que sabes que não é novo. Não tens nenhuma dúvida: não estava aqui.

E habituas-te a examinar o *alien*, antes que se apodere de ti. Revendo-o, controla-lo. Não dói. Não te dá febre. Um dia pensas que sim, mas depois vês que não se alterou; a não ser que tens uma crosta a crescer na garganta.

Um dia, dizes a um dos guardas: quero ver um médico.

Foda-se, é que imagina que é qualquer coisa de mau. E nem queres pensar nisso.

- *Tenho direito a ser visto por um médico.* - E insistes. Ao princípio, dizes num dia e esperas. Depois insistes uma semana mais tarde. A semana seguinte, di-lo duas vezes. Aproveitas a mudança de guardas para o tentares com outros. Merda: os cabrões não querem saber de nada, não reagem.

Pronto, que estás a imaginar, pensa noutra coisa. Mas foda-se, isto pode começar a crescer. E se a garganta se obstrui?

Apercebes-te de que essa coisa ganhou algum volume. Tentas não lhe dar confiança e concentras-te noutras coisas.

Falava-te das rotinas: estruturam-te, acalmam-te. Organizam o teu caos.

Mas passaram quase três anos e aquela coisa esteve a crescer durante todo este tempo. Tão grande que quando voltava a cabeça fazia aquilo, *puf* para um lado, *puf* para o outro.

Imagina: estás aqui sozinho... sem que ninguém te veja, sem que ninguém faça caso de ti... Apenas a pensar no que será.

Depois de três anos daquilo tive a oportunidade de ir a um médico, o Dr. Álvaro. E não és capaz de imaginar... Quando me levam dali, alguém com o cabelo grisalho, barba grisalha... Uma pessoa que transmite segurança, tranquilidade... bondade. Finalmente!

Prendem-me a uma cadeira, põem-me correias na cintura, nas pernas, nos braços. Tenho cinco tipos à minha volta a segurarem-me. É tão absurdo, como se eu quisesse fazer alguma coisa a esse homem. Ainda por cima porque finalmente me vai tratar. Estás a ver, tinha aquilo há três anos, três anos a sentir aquilo.

E diz-me: *(Imitando a voz.) E então, senhor Trilhos, diga-me o que se passa consigo.*

E eu, diante dele: Doutor, tenho este quisto aqui no pescoço. Movo o pescoço e sente-se aquele puf, puf. E ele , olha-me tranquilamente, com o seu olhar amável, e diz-me: *Mas, senhor Trilhos, aí não há nada.*

Já podes imaginar, naquele momento... começo a duvidar de mim mesmo. Depois de três anos, a imaginar... todo o tipo de situações estranhas, e finalmente aparece a salvação: vou a um médico. Vou ter uma resposta e vai esse homem, olha-me nos olhos, e diz-me: *Senhor Trilhos. Não há nada, não tem nada aí.*

Apercebi-me de que os guardas estavam a fazer uma cara esquisita, por detrás da cara de póquer que têm sempre posta. Uns olhares trocados entre eles ... como de nojo. Nojo de mim? Havia mais qualquer coisa, alguma tensão ...que os deixou desconfortáveis.

Que pergunta a tua, como é que fiquei?! A raiva soltava-se-me, só podia ... tinha que a conter. O meu corpo a tremer ...e eu a tentar respirar. As minhas mãos a tremem, os meus dentes a baterem.

Não, ahahah. Não tens noção. Nunca tal me tinha passado pela cabeça. Aquilo era real.

A tortura é incrível e eles sabem praticá-la, há anos que o fazem. Esse médico, essa personificação da bondade... estava a mentir. E em vez de cuidar de mim, fazia-me acreditar que estava a perder o juízo. Dei-me conta da cara que os guardas faziam, como se tivessem nojo deles próprios.

Devolveram-me à minha cela... e entrei em greve de fome. Eu, pequeno como sou, em greve de fome. *Não quero nada. Não, leva a comida. Não vou comer nada. Avisa que estou em greve de fome.* Eu, pequeno como sou, reduzindo, mingando, mingando.

E depois de 24 dias pediram assistência. Autorizaram-me e assinaram os papéis para que viesse um médico de fora. Não podiam deixar morrer um preso como eu.

E agora não estás a ver: ahahah, eram tantos meses já, que acabava por ser muito divertido. Eu fazia as contas de cabeça, de quanto estava a custar tudo isto: uma ambulância, eu lá dentro, atado com várias correias à maca, algemado de mãos e pés.

Dois guardas lá dentro, comigo, ahahah, foda-se, se não me posso mexer, para que precisam vocês disto? Sentia-me como um mágico: vou dizer-lhes *Uh!* E vou libertar-me. Sou como Houdini, o escapista mais rápido que a vista. Eles a vigiarem-me sem desviarem os olhos e eu a morrer de riso. Outro guarda à frente, ao lado do condutor, ahahah. Um carro de polícia à frente, com a sirene ligada, abrindo caminho. E outro carro, atrás, abrindo um canal entre o tráfego da cidade e eu.

Mas não estás a ver bem, ahahah, até um helicóptero! Sabes o que isso me dá? Poder. Posso dizer: tu és um homem morto. Vês, Adrián, vês? Imagina só, todo este esbanjamento somente para mim.

Não era nada, era benigno, uma coisa da tiróide. Operaram-me. Mas eu não o sabia, já viste, não é? Três anos com uma coisa assim a crescer aí...

SEIS

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra a luz da tarde.)

GERALDO.— É curioso que seja eu a falar. Como se fosse importante. Que interessa que eu te conte a minha vida.

Tu poderias contar-me a tua.

A vida de um destes guardas, provavelmente dar-nos-ia mais pena. A vida do maior filho da puta deles. De certeza, carregando com as suas frustrações e complexos. Que grande limitação!

E certamente que se nos contasse a vida da sua irmã seria bem pior. Qualquer pessoa está presa nas suas ideias e nega-se a si mesmo infinitas possibilidades. Cada um feito prisioneiro de si mesmo, de quem é. Aqui andamos nós, a foder a vida uns aos outros por causa de projetar a nossa pequenez, o nosso egoísmo.

A vida é mais simples que nós. Chega para todos. Há de sobra para todos. Somos nós que insistimos em que há carência... Mas é só porque interessa. Ensinam-nos que há carências para nos dominarem melhor.

Porque o medo corta-nos as asas, a vontade de lutar, tudo. O medo de perdermos o pouco que temos. É assim que nos manejam aqui dentro. E o mesmo acontece lá fora.

Estava a contar-te... Cheguei a essa nova prisão. Eu já sabia onde me ia meter: desta vez, levaram-me para uma das prisões mais violentas do país. Ia mentalizado que ia ser muito duro. Tinha que estar preparado para não me apanharem desprevenido, sobretudo ao princípio, para fazer-me respeitar.

No primeiro dia em que fui fazer exercício com os outros, mais tarde, chegou um brutamontes. Era enorme, e passou ao lado de cada um, insultando-os a todos: *(Imitando a voz.) Que se passa mamalhudo, tu estás a olhar para onde, filho da puta, e tudo isso, e eu à espera da minha vez, para ver o que me ia dizer e passou ao meu lado: um novo com o seu cuzinho estreito, que bem to vou deixar...*

Uma humilhação enorme. Eu sabia que eram só insultos. Que eram piadas. Mas ao mesmo tempo não eram insultos, não eram piadas. *(Imitando o seu próprio diálogo interno.) Se o deixo, continuará. Se o deixo é ele o primeiro e cada um deles vai tratar-me assim ou pior. A raiva consumia-me por dentro. Tenho que fazer-me um homem aqui, tenho que fazer-me respeitar. E uma voz interior dizia-me: A tua vida depende do que fizeres hoje.*

Nesse momento, chamaram-nos para a contagem. Contam-nos a toda a hora. É a forma de nos recordarem que só somos um número. Eu estava a tremer de ira. Passei alinhado os quinze minutos que demorou a contagem.

Nesses quinze minutos de raiva em combustão, descobri que estava disposto a fazer qualquer coisa, de modo a não me deixar destruir por esse homem. Numa prisão destas, para te deixarem tranquilo, para que te respeitem, só isto vale: tens que matar alguém.

Nesses 15 minutos descobri que eu era um assassino. Tal como Ar descobriu em mim o homem mais ternurento do mundo... este gajo acordou em mim uma besta capaz de matar. Qualquer pessoa diria: *(Imitando a voz.) Na realidade não era eu... foram as circunstâncias.* O mais horrível é que sim, era eu. Embora me visse como que agindo desde o exterior: Esse também era eu.

Regressei à minha cela. Não tinha navalha porque, como acabava de chegar, ainda não tinha conseguido uma. Mas tinha um cadeado grande com uma corrente. Embrulhei-o num pano e meti-o no bolso do meu casaco. Respirei fundo e saí.

Dirigi-me à cozinha, que era onde trabalhava este gajo. Não estava. Teve que sair por qualquer coisa. *(Imitando a sua própria voz.) Está bem, espero por ele aqui.*

Esperei-o mais dez minutos, pronto para passar ao ataque. Pronto para lhe ferrar o cadeado na cabeça, pronto para o abrir.

Com a raiva que sentia, esse gajo deixou de ser homem, deixou de ser alguém. Era a minha sobrevivência. Ou ele ou eu.

Quando chegou, aos dez minutos, disseram-lhe que estava à espera dele. Voltou-se, olhava-me, firme, seriamente. Eu tinha o cadeado e a corrente nas mãos. E estava pronto para lhe saltar em cima.

(Imitando o diálogo.)

GERALDO.- *Repete o que estavas a dizer antes.*

BRUTAMONTES.- *Como?*

GERALDO.- *Repete o que me disseste aí fora.*

Não sei o que esse homem viu dentro de mim. Aconteceu o que eu menos esperava. Fincou um joelho no chão. E esticou os braços para mim: *(Imitando a voz.)*

- *Amigo, dizia-te que estou aqui para o que precisares. Se te puder ajudar nalguma coisa, só tens que o dizer.*

Disse-o diante de todos. Tal como eu o teria morto diante de todos.

Esse homem viu algo de terrível dentro de mim. Dizem que só somos capazes de reconhecer o que já temos dentro de nós. Sem eu o esperar, talvez mesmo sem ele o querer, esse homem salvou-me a vida. E deu-me uma lição: há de tudo dentro de nós.

E só demorei quinze minutos a converter-me em assassino. E fi-lo, na minha cabeça, fi-lo. Foi por acaso que não o matei. Por sorte, não tive que o fazer. Mas sei que esse monstro vive em mim.

O meu poder, o meu compromisso, agora é outro. Sou mais forte do que qualquer brutamontes se, após ter despertado o assassino que trago dentro de mim, for capaz de o controlar. O sistema apenas levou quinze minutos a despertar a besta em mim. Por ter despertado o animal, agora, o meu dever é controlá-la.

SETE

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra a luz da tarde. Ouvem-se muitos ruídos que vêm desde baixo e vão até longe.)

GERALDO.— Adrián, como fazemos? Reconheces o filho da puta? Parece que vão fazer uma revista às celas. Se o fizerem, encontram Epaminondas, a minha aranha. E matam-na, como mataram Dalton, o rato. Não o vou permitir: não deixarei que a encontrem. Vamos libertá-la, Adrián, o que achas? Esta noite, Epaminondas vai chegar ao mar.

Tanto me faz que seja o imbecil do sargento a fazer-me a revista. Quero lá saber que me façam palermices, já que este sargento voltou a este posto. Não vou deixar de ir ao canil. Que o saibam.

Não, depois encontrarei forma de o fazer. É tão pequena que a posso deixar num papel no chão, enquanto me revistam... E depois apanhá-la, enquanto me visto.

(Escutam-se os passos do GUARDA 2º, que se aproxima.)

GUARDA 2º.—FN3558!

(Silêncio. Pouco depois, os passos aproximam-se da cela e param diante da porta.)

GUARDA 2º.—DV1476

GERALDO—Sim. Hoje vou sair ao canil.

(Os passos distanciam-se.)

OITO

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra luz de tarde. GERALDO procura Epaminondas, embrulha-a num papel coloca-a no chão, ao lado da porta. Pouco tempo depois, ouve-se algum ruído de passos que se aproximam. Desta vez são dois GUARDAS –3º Y 4º. GERALDO vai tirando a roupa, que vai colocando, dobrada, à sua direita, no chão. Despe-se até ficar em cuecas. Chegam à porta. Se for possível, o público apenas vê GERALDO.)

GUARDA 3º.- *DV1476. Revista completa: dois passos para trás.*

(Geraldo recua dois passos. Abre-se a portinhola da porta.)

GUARDA 3º.- *Passa-me o macacão.*

(Geraldo passa-lhes o fato macaco, tal como irá fazendo com com todas as peças de roupa, uma por uma. Eles revistam tudo do lado de fora, a pente fino, espremem-no, literalmente. Deixam tudo pendurado lá fora. Não lhe devolvem nada até que termine o processo.)

GUARDA 3º.- *Passa a t-shirt.*

(Passa-lhes a t-shirt.)

GUARDA 3º.- *As meias.*

(As meias.)

GUARDA 3º.- *Agora, as botas.*

(Passa-lhas.)

GUARDA 3º.- *Então, vamos lá: Mostra-me as mãos.*

(Mostra-lhas de um lado e de outro, com os dedos bem abertos.)

GUARDA 3º.- *Debaixo dos braços: as axilas.*

(Geraldo levanta bem os braços.)

GUARDA 3º.- *Agora, passa as mãos pelo cabelo.*

(Inclina-se para a frente, baixa a cabeça e fá-lo.)

GUARDA 3º.- *Ok, sacode o cabelo.*

(Geraldo obedece.)

GUARDA 3º.- *‘Tá bem: agora atrás das orelhas. Isso mesmo. Deixa ver dentro das orelhas. Assim mesmo... Isso.*

GUARDA 3º.- *Agora abre a boca.*

GERALDO.- *Ah.*

GUARDA 3º.- *Com a língua de fora.*

GERALDO.- *Aaaaah.*

GUARDA 3º.- *Debaixo da língua.*

GERALDO.- *Aaaaah*

GUARDA 3º.- *Ok, agora os lábios.*

GERALDO.- *Aaaaghhhhh. -(Geraldo passa o indicador entre as gengivas e os lábios à volta da boca toda.)*

GUARDA 3º.- *Agora, passa-me as cuecas.*

(Geraldo tira-as e passa-lhas. Revistam-nas.)

GUARDA 3º.- *Bem, agora o pénis: pele para trás.*

(Geraldo arregança-a.)

GUARDA 3º.- *Agora os tomates: levanta-os.*

(Levanta-os.)

GUARDA 3º.- *Está bem, agora volta-te.*

(GERALDO monologa em voz alta, como se estivesse sozinho, dissociado.)

GERALDO.- *Olha, Adrián, já passou tanto tempo aqui dentro que já não sou aquele que condenaram. A sério!*

GUARDA 3º.- *Agora, pé esquerdo.*

(Geraldo levanta-o para trás. E sacode os dedos dos pés.)

GUARDA 3º.- *Ok, pé direito.*

(Geraldo levanta-o. E sacode os dedos.)

GUARDA 3º.- *Ok, vamos lá então. Inclina-te para a frente...*

(Geraldo continua a falar consigo próprio.)

GERALDO.- Esqueceram-se que um corpo se renova. Aquelas células que desrespeitaram a autoridade já não existem.

GUARDA 3º.- *Vamos lá ver, epá, deixa ver. Não estou a ver bem. Separa bem os glúteos.*

GERALDO.- Diz-se que a culpa leva três gerações a ser expiada. As minhas células renovaram-se muitas gerações.

GUARDA 3º.- *Ainda não vejo bem.. Agarra lá nas bochechas como deve de ser.*

GERALDO.- As minhas células atuais já nem sequer sabem o que fazem aqui.

GUARDA 3º.- Tudo bem: a roupa. Veste-te..

(Começam a devolver-lhe a roupa, peça por peça. Enquanto se veste, Geraldo apanhará Epaminondas sem que o vejam, e pô-lo-á num bolso.)

GERALDO.- Não sabem que existe o mar, que eu o vi. Noutra vida naveguei e cruzei o oceano no camarote minúsculo de um barco gigantesco.

GUARDA 3º.- Aproxima-te da porta.

(Depois de se vestir, volta-se de costas, flecte um pouco os joelhos até as mãos ficarem à altura da portinhola e estende-as juntas por detrás das costas, para que lhas algemem. Algemam-no, abrem a porta e fazem-no sair.)

NOVE

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo entra a luz do final da tarde. Sons de ambiente: chaves, vozes de alguns presos, passos no metal. Entra Geraldo cheio de nervosismo e entusiasmo. Aproxima-se do tubo da ventilação e bate-lhe.)

GERALDO.- Estás aí, Adrián? Libertei-o, libertei o camarada, ahahah. Estás aí?

Sim, claro que me humilharam, os filhos da puta, já o sabia. Que brutos são, pobres desgraçados, não têm consciência que eles mesmos poderiam estar aqui. Iamos pelo corredor, eles a escoltarem-me e um deu-me um murro, pumba, contra a parede. Não o vi a vir. Que posso fazer? Nada.

Mas de Epaminondas não deram por nada. E quando saí para ver o céu, que é a única coisa que se vê, por detrás dos arames, com esses muros de 5 metros... Quando saí, podia sentir a sudeste um ar que era ar marinho.

São só uns quilómetros, e Epaminondas... tinhas que ver como subia por essa parede à procura do céu azul. Achas que as aranhas gostam de praia? Adrián, Adrián: achas que as aranhas gostam de praia? Vou ter muitas saudades dele: a mim, humilharam-me, mas orgulho-me porque agora ele é livre, ahahah.

DEZ

(Cela de isolamento. Pela abertura do fundo sabemos que é de noite. GERALDO está estendido na cama, acorda e aos poucos vai inclinando o corpo/vai-se sentando.)

GERALDO.- Adrián, Adrián, Adrián: porra, estás a ouvir-me? Que horas serão? Meio-dia? Não. Quatro da tarde? Não. Duas da manhã? Queres que te diga uma coisa, Adrián? Esses filhos da puta vão ver, vou lixá-los. Estão a brincar comigo. Querem-me foder... agora sou eu quem os vai foder.

(GERALDO bate insistentemente na porta.)

Acordem, cabrões. Não sei que horas são. Mas se eu não durmo, filhos da puta, vocês também não. Toca a acordar, cabrões. Onde estão?

(Daí a momentos chegam os GUARDAS 5º y 6º, abrem a porta, entram, dão-lhe pontapés e batem-lhe com consciência, e vão-se embora. Geraldo fica no chão, reduzido a um despojo humano. Se for possível, só vemos GERALDO, mesmo durante a sova.)

ONZE

(Cela de isolamento. Noite. GERALDO passa, aos poucos, do contorcer-se com dores... à euforia.)

GERALDO.- Hahaha, estraguei-lhes a noite, a esses cabrões. Viste, Adrián? Haahah, ahahah, ahahah, ahahah... Que bom, como sabe bem rir... e como dói, fodase. Não me importo com a dor, porque fui eu, ahahah, porque estes pontapés que me deram... eu obriguei-os a dar-mos. Fui eu: tenho o poder de os fazer vir darem-me pontapés. Hahaha, e não tiveram outro remédio senão vir bater-me, ahahah, fodi-lhes a noite, ahahah, fui eu que agi, com a liberdade que tenho, ahahah, aqui dentro, neste ventre de sapo venenoso, pendurado e atado de mãos e pés, desde o meu último reduto de poder, ainda tenho capacidade de decidir, ainda que seja dar-lhes cabo da noite a esses filhos da puta, ahahah, eu, que até parece que estou a falar debaixo de água, ahahah. Eles não vão conseguir. Não nos vão meter medo. Não é verdade, Adrián? Ahahah... Adrián?

(Longo silêncio. Pouco a pouco, o entusiasmo foi-se apagando. Agora GERALDO grita com desespero.)

GERALDO.- Adrián? Adrián!

(Silêncio.)

DOZE

(Cela de isolamento. Final da noite. GERALDO está de cócoras, como um menino. Acaricia-se a si mesmo. Estará a masturbar-se?)

GERALDO.- Havia outros risos melhores, o riso de Ar. Que forma de rirmos os dois, olhando-nos com os olhos brilhantes e sem poder aguentar o riso. Chamava-te ar, as minhas mãos descendo pelas costas, chegando à tua cintura, tirando a roupa. E a tua pele sorridente, o teu riso fresco que se espalha e a todos contagia, a qualquer um que o escute. E as nossas bocas com vida própria. Eu, mordiscando-te o pescoço e tocando-te, eu com tantas mãos, pelas tuas coxas. E um aroma a fruta de verão pelo teu sexo, pelas tuas costas, os dois mortos de calor. Ar, meu Deus, Ar, as tuas mãos acariciando-me, ah, percorrendo-me. As tuas mãos inventando o meu corpo, Ar meu, os dois respirando, entrecortados. Que bom, respirando-nos, eu a ti e tu a mim, que aroma a musgo. E a tua respiração nos meus pulmões, o meu olhar à procura do teu e os teus olhos enormes procurando o meu olhar. E a encontrá-lo.

E o tempo que não existe: eu acariciando a tua face, procurando os lábios, os teus lábios felizes. Eu desenhando carícias pelo teu pescoço, pelas tuas costas, os pelos arrepiados. Eu a respirar-te e o teu corpo cada vez mais tenso. Que calor, chamava-te Ar, o teu ventre a palpitar, o brilho dos teus olhos, o meu nome pronunciado pela tua boca, tremendo de desejo.

Um arrepio e uma explosão cósmica, cálida e frutada e umas gargalhadas luminosas. E aquele abraço forte e rítmico que anula o espaço. O poder do teu sorriso, que se sente até de costas. Chega aqui, ainda mais forte. E o teu coração de pássaro quase a sair do peito. Beijos, beijinhos. A tua cabeça encostada no meu peito. Ar ...

Meu Deus, falta-me o ar. E eu, aqui: Não. *(GERALDO sente a dor da perda. Depois começa a lembrar-se de onde se encontra.)*

–Não, não, não, não, não.

(Com dignidade.)

–Não.

(Com determinação.)

–Não.

(Com resiliência.)

–Não!

FIM